

O eterno retorno

O Jogo das Contas de Vidro, Hermann Hesse. Tradução de Carlos Leite. D. Quixote (pg 372-373).

“Knecht conheceu a vida que tinha sido anteriormente a do seu mestre. Uma parte do seu medo transformou-se em piedade e espiritualidade. Uma parte das suas aspirações juvenis e da sua profunda saudade permaneceu viva, outra morreu e perdeu-se com a idade no trabalho, no amor e nos cuidados que tinha com Ada e os filhos. Era sempre para a Lua que ia o seu afecto mais vivo, para a Lua que estudava com mais empenho, bem como a sua influência nas estações e nas intempéries; neste domínio igualou o seu mestre Turu e, no fim, ultrapassou-o. E, como o crescimento e diminuição da Lua estavam muito intimamente ligados com a morte e nascimento dos humanos e, de todas as angústias em que viviam, o medo da morte inelutável era o mais profundo, o adorador e o conhecedor da Lua que Knecht era teve também, graças às suas relações estreitas e vivas com esse astro, relações sagradas e mais puras com a morte. Foi, na sua idade madura, menos sujeito que outros ao medo de morrer. Era capaz de falar à Lua a linguagem do respeito, da súplica ou da ternura, sabia que lhe estava ligado por ternas relações espirituais, conhecia muito exactamente a vida dela e participava muito intimamente nas suas aventuras e no seu destino, vivia a sua diminuição e a sua renovação como um mistério, sofria com ela, era dominado pelo terror quando um fenómeno monstruoso se produzia e ela parecia exposta a doenças e perigos, transformações e degradações, quando perdia o brilho e mudava de cor, quando se ensobrava quase até extinguir-se. É verdade que nesses momentos toda a gente participava na vida da Lua, tremia por ela, reconhecia no seu escurecimento uma ameaça e a iminência dum acontecimento funesto e fixava, cheia de angústia, o seu velho rosto doente. Mas era justamente então que se revelava que Knecht, o fazedor de chuva, estava mais intimamente ligado de que outros à Lua e que sabia mais sobre ela. Claro, partilhava os sofrimentos do seu destino com o coração apertado de medo, mas as suas recordações de acontecimentos análogos eram mais vivas e mais bem mantidas, a sua confiança mais solidamente fundada; a sua fé na eternidade e no retorno dos factos, na possibilidade de corrigir e vencer a morte era maior, e maior também a sua devoção. Em tais instantes sentia-se capaz de viver o destino desse astro até ao seu desaparecimento e ao seu renascimento; às vezes sentia mesmo uma espécie de desejo impertinente, uma espécie de coragem e de resolução temerárias de desafiar a morte por meio do espírito, de ganhar força dedicando-se a destinos sobre-humanos. Isso influenciava um pouco a sua maneira de ser um homem sábio, piedoso, uma pessoa dotada duma grande calma, pouco temente da morte e que mantinha boas relações com as potências.”